

**POUR
AMOR
AARTE**

GRUPO DOS AMIGOS
do Museu Nacional de Arte Antiga

100 ANOS 1912-2012



CELINA BASTOS | MARTA BARREIRA CARVALHO

PO
R
AMOR
À ARTE

GRUPO DOS AMIGOS
do Museu Nacional de Arte Antiga

100 ANOS 1912-2012

Lisboa 2012

ÍNDICE

7 → **A**presentação

José Blanco

*Presidente do Conselho Director
do Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga*

9 → **S**obre a história de uma relação feliz

António Filipe Pimentel

Director do Museu Nacional de Arte Antiga

11 → **CAPÍTULO I**

Nascimento e missão
dos grupos de amigos

19 → **CAPÍTULO II**

O Grupo dos Amigos do Museu
Nacional de Arte Antiga:
Um percurso centenário

21 → **Fundação e missão do GAMNAA**

31 → **Missão cumprida: os primeiros 25 anos**

47 → **Meio século de actividade**

55 → **Início de um novo ciclo**

67 → **CAPÍTULO III**

Cem anos de doações

101 → **BIBLIOGRAFIA**

Sobre a história de uma relação feliz

António Filipe Pimentel

Director do Museu Nacional de Arte Antiga

Diz-se das relações felizes não terem *história*. Sem registar, no longo curso de um século, mais turbações que as decorrentes dos avatares com que a própria História a confrontou (duas guerras mundiais, o tempo complexo que marcaria a transição para a democracia), a vida do Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga (GAMNAA), iniciada a 27 de Abril de 1912, na esteira da estruturação do próprio Museu, no ano anterior, a partir do antigo Museu de Belas Artes e Arqueologia, decorreria, ano após ano, mais aplicada ao cumprimento do honroso encargo que lhe fora estatuído (o do Museu, nas múltiplas frentes), que na organização de uma folha de serviços, que pudesse construir-lhe uma consciência retrospectiva da sua própria trajectória temporal, ancorada, por conseguinte, em memórias necessariamente fragmentárias no que respeita a uma visão de conjunto estruturada.

A ocorrência de data incontornável (o centenário!) despoletaria o justo preenchimento da lacuna, entre a exposição *De Amicitia. 100 Anos do Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga*, promovida pelo MNAA na abertura das celebrações (Março a Maio de 2012) e a obra que agora se edita e que simbolicamente as encerrará. Entre uma e outra, de facto, reconstitui-se agora um século inteiro de serviços, no ritmo permitido pela própria variedade das circunstâncias (designadamente económicas) que ao Grupo e ao Museu coube viver. Serviços múltiplos, nas mais diversas áreas, de que o contributo para a valorização do acervo será, tão somente, o mais visível. Serviços que testemunham a indeclinável solidariedade do GAMNAA, tempo além, com a orientação estratégica ao Museu definida por cada Direcção, em comunhão plena de objectivos, numa relação, de facto, de rara e fecunda felicidade institucional. Por sua vez, tais circunstâncias plasmam, sucessivamente, tempos diversos, de formação e consolidação e mesmo, no quadro novo (desde logo cultural) que a democracia proporcionaria, um *novo ciclo* (como nesta obra se designa), temperado na determinação de relançar o Grupo na nova conjuntura, provando assim que, por ser vida feliz, não deixaria



de ser vida cheia, entre sucessos e ambições, com maior ou menor felicidade prosseguidos – como sempre sucede.

Em nossos dias, quando, como escrevemos na abertura do catálogo dessa mesma exposição evocativa, convocado pela convulsão de paradigmas que ante nós se desdobra, neste século XXI que ano a ano se adianta, o Museu ele mesmo se projecta num paradigma novo, onde se lhe demanda “uma presença activa na vida cultural do país, de que constitui referência central e de cuja herança patrimonial configura o mais precioso escrínio, ao mesmo tempo que se lhe pede, também, um contributo mais ousado e dinâmico na construção do Portugal de hoje, não somente no domínio representativo como ainda no demonstrativo, assumindo um papel de primeiro plano na sua necessária afirmação internacional”; quando, “a par, espera-se igualmente que trabalhe no domínio da sua própria sustentabilidade, assente numa pedagogia alicerçada na compreensão democrática de pertença e responsabilidade em relação ao Museu enquanto acervo e enquanto missão”, mais do que nunca se torna necessária a ligação à sociedade civil, facultada justamente pelos Amigos.

Esta a importância instrumental da obra presente: convocar, operativamente, em apoio do futuro do Museu e do seu Grupo, uma memória identitária e aglutinadora, que apenas uma vez construída pode – como é justo e de direito – ser (re)conhecida. Por isso que é de serviço ao primeiro museu de Portugal; por isso que é, em si, testemunho raro e exemplar da fidelidade renovada de sucessivas gerações; por isso que é ilustre, no seu secular desenvolvimento. Memória que, no eco que transmite de antigos sobressaltos, de igual modo ajuda a perspectivar, com a serenidade que o serviço das grandes instituições impõe, os novos tempos e os novos desafios. Mais além, talvez, do auxílio pronto às dificuldades materiais dos longos dias dos cem anos cumpridos, que são também de vida do Museu, ou mesmo do generoso contributo ao enriquecimento das suas colecções (que são de todos), será a lição colhida desta História que finalmente se conta – lição de pertinaz fidelidade – o dom mais relevante do Grupo ao Museu que há um século integra: numa relação, de facto, exemplarmente feliz. E que é de elementar justeza aqui reconhecer e agradecer. *Ad perpetuam rei memoriam.*